

LEMBRAR/ESQUECER A FOME: RUMO A UMA COMPREENSÃO DA MEMORIALIZAÇÃO DA FOME AGUDA*

Remembering/forgetting hunger: toward an understanding of the
memorialization of acute hunger

Recordar/olvidar el hambre: hacia una comprensión del recuerdo de las
hambrunas agudas

CAMILLA ORJUELA^{l**}

DOI: <http://doi.org/10.1590/S2178-149420240306>

*Tradução de Thiago Lima.

Departamento de Relações Internacionais, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais, Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional, Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). (tlima@ccsa.ufpb.br)
 <http://orcid.org/0000-0001-9183-3400>

^lSchool of Global Studies, University of Gothenburg, Sweden.

^{**}PhD in Peace and Development Studies (camilla.orjuela@gu.se)

 <https://orcid.org/0000-0002-3405-4483>

Artigo recebido em 28 de maio de 2024 e aprovado para publicação em 3 de junho de 2024.

RESUMO

Embora as fomes agudas historicamente tenham ceifado milhões de vidas, elas raramente são lembradas publicamente por meio de monumentos, eventos comemorativos ou museus. Este artigo investiga o aparente silêncio em torno da memória das fomes, questionando se há algo que as tornam menos “comemoráveis” do que outras atrocidades em massa, e em quais circunstâncias se tornam objeto de memorialização pública. Reunindo uma literatura bastante fragmentada sobre a memória das fomes agudas, o artigo delinea sete maneiras pelas quais a sua memorialização é impedida ou possibilitada.

PALAVRAS-CHAVE: Memorialização da fome aguda; Monumentos; Silêncio; Construção nacional; Vergonha; Violência.

ABSTRACT

Although famines have historically claimed millions of lives, they are rarely remembered publicly by monuments, commemorative events, or museums. This study investigates the apparent silence around famine memory by asking if famines contain something that makes them less ‘commemorable’ than other mass atrocities and in which circumstances famines become the object of public memorialisation. Gathering a rather fragmented literature on famine memory, this study outlines seven ways famine memorialisation is impeded or made possible.

KEYWORDS: Famine memorialisation; Monuments; Silence; Nation-building; Shame; Violence.

RESUMEN

Aunque las hambrunas han causado históricamente un gran número de muertes, rara vez se les rinde homenaje públicamente a través de monumentos, ceremonias conmemorativas o museos. Este artículo examina el aparente silencio que rodea la memoria de las hambrunas, cuestionando si existen factores que las hacen menos “conmemorables” en comparación con otras atrocidades masivas y en qué condiciones se convierten en objetos de recuerdo público. Basado en una bibliografía relativamente fragmentada sobre la memoria de las hambrunas agudas, este artículo esboza siete formas en las que se obstaculiza o se facilita su conmemoración.

PALABRAS CLAVE: Memorialización de las hambrunas; Monumentos; Silencio; Construcción nacional; Vergüenza; Violencia.

INTRODUÇÃO¹

Entre os arranha-céus do sul de Manhattan, é possível visitar um memorial um tanto inesperado. Sendo um dos muitos monumentos que hoje pontilham as paisagens urbanas, o Memorial da Fome Irlandesa é um terreno elevado de 2 km². Nele, os visitantes são conduzidos por um caminho que recria um pedaço do campo irlandês composto por gramas e flores silvestres nativas e uma casa de pedra original dos anos 1800. Inaugurado em 2002, o monumento honra cerca de 1 milhão de pessoas que morreram na Grande Fome de 1845-1852, destacando a história da imigração irlandesa – navios da Irlanda costumavam desembarcar próximo ao local do memorial – e ligando o trauma histórico daquele país à fome global contemporânea (Mark-Fitzgerald, 2013: 257). O design do memorial é excepcional, assim como o fato de que ele rememora vítimas da fome, em vez de mortes mais espetaculares causadas por guerra ou terrorismo.

A rememoração pública de eventos traumáticos tem uma longa tradição, e acontecimentos negativos do passado têm sido cada vez mais vistos como partes importantes do patrimônio cultural de uma sociedade (Logan; Reeves, 2009; Macdonald, 2013). No entanto, embora as fomes agudas tenham ceifado vidas de números incomensuráveis de pessoas, raramente elas são objeto de memorialização oficial (Waal, 2018b: 24; ver também al-Qattan, 2014; Jisheng, 2012a). O pedaço de terra irlandesa na cidade de Nova York e os numerosos monumentos dedicados à Grande Fome Irlandesa são, assim como os memoriais da fome aguda de 1932–1933 na Ucrânia, uma exceção ao silêncio que geralmente envolve crises históricas de fome, pois grandes eventos de esfomeamento em massa permanecem amplamente ausentes nos esforços comemorativos públicos ou liderados pelo Estado. Talvez o exemplo mais notável seja a Grande Fome da China, de 1959 a 1961, que, com cerca de 35 a 42 milhões de mortes, é considerada a fome mais mortal do mundo (Weigelin-Schwiedrzik, 2003: 41). Da mesma forma, casos mais recentes de fome aguda em massa em países como Etiópia, Sudão do Sul e Somália não têm sido o foco de rememorações públicas.

A memorialização das fomes agudas – ou a falta dela – ilustra como, frequentemente, vítimas de certas atrocidades são reconhecidas e comemoradas coletivamente, enquanto outras são excluídas das narrativas oficiais do passado. É amplamente reconhecido que atores políticos utilizam seletivamente a memória da violência, de derrotas e de vitórias para fins políticos (Kubik; Bernhard, 2014; Malinova, 2021; McDowell; Braniff, 2014; Mink; Neumayer, 2013). No entanto, quando se trata das vítimas de crises de fome em larga escala, muitas vezes causadas pelo homem, a falta de memorialização abrangente e pública, exceto em alguns poucos casos, levanta questões sobre quais sofrimentos e perdas

são relevantes e quais vidas são dignas de luto (cf. Butler, 2004: 34). Tais questões são ainda mais urgentes na medida em que testemunhamos um aumento global da fome e um risco crescente de novas fomes agudas (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura [FAO] *et al.*, 2022).

Nesse sentido, este artigo visa analisar os obstáculos e as circunstâncias que permitem a memorialização pública das fomes agudas. A primeira seção trata de conceituar as fomes agudas como violência, discutindo o trabalho de memória e descrevendo o processo de pesquisa. A parte principal do artigo é organizada em torno de sete temas. Os primeiros três discutem fatores que tendem a dificultar a memorialização da fome aguda: desafios narrativos, vergonha e traumas concorrentes. Os quatro últimos focam nas circunstâncias que, no entanto, tornam possível a memorialização: ruptura com o passado; construção da nação; a instrumentalização do passado nas políticas doméstica e externa; e, finalmente, o ativismo de memória e iniciativas “de baixo”.

O artigo contribui com novos conhecimentos, ao reunir uma literatura fragmentada sobre como as sociedades lembram das fomes agudas, e com a construção de um quadro que nos ajuda a entender por que e quando as fomes agudas, como atrocidades, são publicamente lembradas – ou não. Até agora, o trabalho acadêmico sobre a memória da fome aguda tem, na maioria das vezes, assumido a forma de estudos de caso isolados (como exceções, ver Corporaal; Zwarte, 2022; Richter, 2020; Wemheuer, 2009; Waal, 2018a), com um foco praticamente restrito à Irlanda e à Ucrânia. Este artigo é uma primeira tentativa de pesquisar sistematicamente, e com uma perspectiva global, o que impede e possibilita a memorialização – ou o esquecimento – da violência da fome aguda, temas que até agora têm sido marginalizados tanto nos esforços comemorativos públicos quanto na academia (ver Rubin, 2019). Em última análise, saber mais sobre por que e como a fome aguda é lembrada, ou silenciada, pode nos ajudar a nos engajarmos de forma mais construtiva não apenas com os discursos em torno das crises de fome atuais, mas também com as crises em si.

A VIOLÊNCIA SILENCIOSA DA FOME: COMPREENDENDO A MEMORIALIZAÇÃO DA FOME AGUDA

A fome causou sofrimento e perdas às sociedades humanas desde tempos imemoriais, e continua a causar nos dias de hoje, especialmente na esteira de conflitos armados, de uma pandemia global, do autoritarismo crescente e das mudanças climáticas (FAO *et al.*, 2022). Em termos de contagem de mortes e sofrimento, as fomes agudas têm sido – historicamente e mais recentemente – de magnitude similar ou maior do que as atrocidades de guerra,

terrorismo e genocídio. Assim como a violência política, as fomes agudas são causadas por ações humanas – ou pela falta delas (Tyner, 2018; Waal, 2018b). Comentando sobre o aumento da fome em grande escala desde 2017, Waal (2018a: 7, tradução própria) observou que “É a disposição em considerar vidas humanas como descartáveis na busca de outros objetivos políticos e militares que constitui o fator comum no ressurgimento da fome”.

Este artigo entende as grandes fomes agudas como um tipo de violência ou uma atrocidade em massa, pois elas prejudicam e matam pessoas em grande escala. Se considerarmos violência apenas os atos intencionais cometidos por atores identificáveis, obscureceremos as muitas maneiras pelas quais as pessoas são prejudicadas por sua posição na estrutura social ou por ações (ou passividade) que podem ser não intencionais, além dos casos em que é difícil traçar uma cadeia causal entre perpetrador e vítima (cf. Galtung, 1969; Tyner, 2018). Conceituando a fome aguda como violência, destacamos não apenas que elas são preveníveis e que há responsabilidade daqueles que detêm poder para evitar isso, mas também enfatizamos que as vítimas da fome são tão dignas de luto público quanto as vítimas de outras formas de violência em massa.

É interessante notar que o “esquecimento” das fomes agudas ocorre durante o “boom de memória” em curso, que nas últimas décadas trouxe maior atenção ao papel do “patrimônio penoso” (*difficult heritage*) para a identidade nacional, o turismo e o desenvolvimento econômico (por exemplo, Logan; Reeves, 2009; Macdonald, 2013). A intensa rememoração da Grande Fome Irlandesa em seu 150º aniversário, na década de 1990, pode ser interpretada como parte – e como um agente – dessa onda de memorialização (ao contrário do 100º aniversário) (ver Ó Gráda, 2001). A maioria das grandes fomes agudas históricas, no entanto, não foi resgatada do esquecimento. Inevitavelmente, o que as sociedades lembram nos diz mais sobre o presente do que sobre o passado. Como escreve Trouillot (1995: 16, tradução própria): “De modo algum podemos assumir uma correlação simples entre a magnitude dos eventos tal como ocorreram e sua relevância para as gerações que os herdaram através da história”.

A determinação de quais e como os eventos passados acabam sendo oficialmente memorializados ocorre por processos confusos e infinitos de construção de memória, moldados por vários atores e por restrições estruturais. Irwin-Zarecka (1994: 13, tradução própria) observa que “Para garantir uma presença para o passado, é necessário trabalho – ‘trabalho de memória’ – seja escrevendo um livro, filmando um documentário ou erguendo um monumento”. O trabalho de memória requer recursos e, portanto, está intimamente relacionado ao poder. Além disso, os eventos, lugares e heróis que são considerados dignos de honra e lembrança podem ser contestados e mudar ao longo do tempo (Trouillot, 1995).

Desde a ascensão do Estado-nação, passados traumáticos têm sido ingredientes-chave para a construção das “comunidades imaginadas” das nações (Anderson, 1983; Malinova, 2021). Nesse sentido, certas narrativas históricas podem ser instrumentalizadas por detentores do poder, mas narrativas dominantes também são reinterpretadas e desafiadas por ativistas de memória ou práticas cotidianas vindas “de baixo” (Gutman; Wüstenberg, 2021).

Lembrar e esquecer estão intimamente conectados, tanto para indivíduos quanto para sociedades (Edkins, 2003; Turner, 2006). Connerton (2008) argumenta que o esquecimento pode ter múltiplos propósitos, pode tomar a forma de “apagamento repressivo”, mas também pode ajudar vítimas de conflito e trauma a viverem juntas pacificamente. Da mesma forma, Mannergren Selimovic (2020) mostra como os silêncios, após a violência, podem ser tanto incapacitantes quanto capacitantes; podem resultar da falta de poder ou de liberdade para falar, ou servir como estratégias de enfrentamento para as vítimas.

Este artigo é fruto de vários anos de pesquisa exploratória com o objetivo de entender quando, por que e como a violência da fome aguda é publicamente lembrada – ou esquecida. Uma tarefa principal foi obter uma visão geral do que se sabe sobre a memorialização da fome aguda: onde e quando isso acontece, quem toma a iniciativa e quais formas são assumidas. Com exceção dos estudos acadêmicos sobre a Grande Fome Irlandesa, que abordam sua memorialização por meio de museus, monumentos, literatura, memória popular etc., a literatura sobre a memorialização da fome aguda é relativamente limitada. Consequentemente, minha estratégia foi tentar encontrar todos os possíveis trabalhos acadêmicos sobre esse tópico. Usei bancos de dados e sites de busca,² mas também listas de referências e conversas com outros pesquisadores. Como a ambição era conceituar e obter uma visão geral da memorialização da fome, restringi meu estudo a fontes secundárias disponíveis em inglês. Para cada fome aguda, há potencialmente uma abundância de literatura em línguas locais, fontes primárias, pessoas a serem entrevistadas e, em alguns casos, monumentos ou outros marcadores a serem visitados e eventos a serem observados. Deixo isso para pesquisadores que realizam estudos de caso em profundidade. Para fins de transparência e leituras adicionais, as obras consultadas estão listadas em um apêndice deste artigo.

Essa literatura me deu uma compreensão do trabalho realizado para lembrar publicamente as fomes, mas também – indiretamente – da falta desse trabalho. Comecei a perceber padrões e esbocei ideias sobre os aparentes obstáculos e facilitadores da memorialização da fome aguda. Para desenvolver essas ideias, recorri à literatura conceitual, principalmente do campo dos estudos de memória. Inspirado pelo influente texto de Connerton (2008) sobre o esquecimento, organizei minhas ideias em sete temas. Por falta de espaço, não referencio

todos os textos que informaram cada tema; em vez disso, selecionei aqueles que forneceram ilustrações claras e bem formuladas. O quadro que desenvolvi não deve ser entendido como o resultado imóvel e final de um estudo rigidamente estruturado e replicável, mas como uma sugestão de como podemos entender os obstáculos e as possibilidades para a memorialização da fome de forma mais sistemática. Convido outros estudiosos a construir, desenvolver e desafiar minhas ideias na busca contínua por conhecimento sobre esse tópico.

O foco deste artigo são fomes agudas e outros casos de esfoameamento em que numerosas pessoas morreram de fome ou de causas a elas relacionadas durante um período específico (Waal, 2018b: 17). Portanto, a fome endêmica – embora claramente relevante para a discussão de quais vidas são dignas de luto – fica fora do escopo deste estudo. Até que ponto mortes ou destruições súbitas decorrentes de acidentes ou desastres envolvendo forças da natureza são publicamente lembradas também é uma questão que merece investigação em outros lugares.

Embora a memorialização possa ser amplamente definida como algo que é feito – em privado ou em público – para que as pessoas lembrem de algo ou alguém (Irwin-Zarecka, 1994), eu foco na memorialização pública. Isso abrange monumentos, museus e eventos memoriais, mas também formas comemorativas menos óbvias, como documentação, obras de arte, publicações e debates públicos (cf. Kirschenbaum, 2006). A memorialização pode ser feita por atores estatais e não estatais, local, nacional e globalmente.

Tendo estabelecido alguns pontos de partida, passamos agora ao primeiro tema e a uma discussão de como desafios narrativos podem restringir a memorialização da fome aguda.

DESAFIOS NARRATIVOS

A memorialização se baseia na seleção de eventos passados para construir histórias ou representações do que aconteceu. Enquanto o passado é moldado e renegociado no presente, o que realmente aconteceu (ou se acredita ter acontecido) constitui o “material” histórico usado para essa construção. “[A] natureza e a estrutura dos ‘passados disponíveis’ limitam as oportunidades comemorativas no presente”, concluem Brubaker e Feischmidt (2002: 740-741, tradução própria) a partir de seu estudo sobre política da comemoração na Europa Oriental. Se há pouco da “matéria da qual mitos são facilmente criados”, eles argumentam (Brubaker; Feischmidt, 2002: 737, tradução própria), é mais difícil reformular e usar o passado para necessidades contemporâneas. Ochman (2020: 179, tradução própria), investigando como a Polônia recentemente recuperou a memória da Batalha de Varsóvia de 1920, conclui que os empreendedores de memória tinham um “rico material histórico para se trabalhar; a

batalha ofereceu comandantes-em-chefe visionários, voluntários adolescentes heroicos, sacerdotes inspiradores e inimigos ancestrais”. Certos eventos históricos são, portanto, aparentemente mais adequados do que outros para dramatização, veneração e comemoração.

Sobre a Irlanda, Mark-Fitzgerald observou que “a natureza imprecisa das fomes agudas” e “a falta de personagens centrais, narrativa linear, episódios heroicos e datas-chave” tornavam-na pouco adequada para rememoração (Mark-Fitzgerald, 2013: 61, tradução própria). A violência, que é estrutural em vez de direta, pode, de fato, ser “imprecisa” (cf. Galtung, 1969), e as fomes agudas muitas vezes não têm um início e fim claros (Ó Gráda, 1999: 37).

Outro desafio é a falta de heróis. Ser submetido a um processo de esfomeamento é “singularmente desmoralizante [...] para as vítimas”, como argumenta de Waal (2018a: 8, tradução própria), acrescentando que “os perpetradores fundamentais estão distantes, enquanto as indignidades e crueldades são íntimas e imediatas”. Segundo Ó Gráda (2001: 129, tradução própria), “A caridade e a solidariedade que unem as comunidades são fortalecidas por um período, mas se rompem à medida que a crise se agrava: a hospitalidade diminui, o crime e a crueldade aumentam, assim como o abandono infantil e o infanticídio”. Durante as fomes agudas, muitas pessoas são tanto vítimas quanto algozes, pois a fome as força a fazer escolhas dolorosas sobre quem alimentar e quem deixar morrer. Comportamentos inaceitáveis, como mendicância, roubo e prostituição, podem se tornar inevitáveis. Aqueles que sobrevivem são, muitas vezes, qualquer coisa menos heróis. Ó Gráda (2001: 121, tradução própria) enfatiza que “O impacto da Grande Fome Irlandesa foi desigual e divisivo. Um desastre que atingiu os pobres mais do que os ricos e que pôs vizinho contra vizinho dificilmente é material promissor para uma memória comunitária e coletiva”. Sobreviventes da Grande Fome da China ecoam isso, afirmando que “era cada um por si” e “todo mundo era ladrão” (Wemheuer, 2010, tradução própria: 191; Xun, 2013: 271, tradução própria). Da mesma forma, roubar, abandonar os necessitados e outros atos egoístas durante períodos de fome levaram ao silêncio entre os sobreviventes da fome de 1944-1945 no Vietnã e das fomes em Moçambique nas décadas de 1980 e 1990 (Igreja, 2019; MacLean, 2016).

Quando guerra e fome ocorrem simultaneamente, os heróis de guerra tendem a ser comemorados, enquanto aqueles que lutam contra a fome são esquecidos. No Líbano, durante a Primeira Guerra Mundial, cerca de 200.000 pessoas morreram de fome (Akerman, 2018). No entanto, nas narrativas públicas da guerra, “A fome fica em segundo plano em relação à resistência e à trágica execução dos ‘mártires’ [em 1916]” que, ao contrário das vítimas da fome, são publicamente lamentados (al-Qattan, 2014: 722, tradução própria).

Al-Qattan (2014: 731, tradução própria) argumenta que “A fome aguda em si resiste ou carece da coerência da narratividade”. O fato de a guerra ser considerada algo extraordinário, enquanto a fome é “normal” e esperada em muitas partes do mundo, pode também desempenhar um papel importante aqui (ver Åkesson; Månsson, 2023).

Kelleher, em seu trabalho sobre a Grande Fome da Irlanda e a Fome de Bengala, de 1943, na Índia, mostra que as vítimas da fome aguda retratadas na literatura tendem a ser mulheres; a imagem recorrente é a da mãe que não consegue alimentar um filho faminto. Essa “feminização da fome” também se manifesta nas formas como corpos femininos emaciados, muitas vezes nus, são escrutinados nos relatos de fome. Essas representações de gênero frequentemente atribuem passividade à vítima da fome aguda e despolitizam a fome (Kelleher, 1997). O fato de a morte ocorrer lenta e privadamente, em vez de súbita ou espetacularmente em espaços públicos, também limita a “matéria” disponível para a construção de histórias cativantes para fins comemorativos. Seria o esfomeamento em massa, assim, um tipo de violência mais propenso ao silenciamento? O papel central das fomes nas narrativas nacionais da Irlanda e da Ucrânia sugere que a falta de linearidade, as linhas nebulosas entre vítimas e algozes e a ausência de heróis podem ser superadas. Na Irlanda, o emigrante que embarca na perigosa viagem para chegar e se estabelecer com sucesso na América do Norte é um herói que figura na memorialização da fome aguda, enquanto o senhorio que despeja os pobres famintos é enquadrado como vilão (ver Kelleher, 2002; Mark-Fitzgerald, 2013; Ó Gráda, 2001). A literatura sobre a fome aguda que matou cerca de 200.000 pessoas na Finlândia, na década de 1860, enfatiza a coragem dos finlandeses que lutaram contra a fome e a privação. Em 1892, o escritor Meurman retratou as vítimas da fome como “the nation’s martyrs, almost equal to soldiers who have fought and died for their country”, observa Forsberg (2017: 46). O Cerco de Leningrado, que resultou em pelo menos 670.000 mortes – muitas de fome – durante a Segunda Guerra Mundial, não careceu de drama. O bloqueio gerou uma “história convincente de firmeza e heroísmo” e os esforços para preservar sua memória começaram antes mesmo do seu fim (Kirschenbaum, 2006: 1-8, tradução própria).

Além disso, as histórias e fotos de crianças emaciadas, valas comuns e paisagens secas circuladas pela mídia e por organizações humanitárias (ver Moeller, 1998) indicam que as fomes agudas não necessariamente carecem de imagens, símbolos e relatos cativantes. Em algumas fomes, as causas do sofrimento são imediatas, deliberadas e facilmente discerníveis, como durante um bloqueio ou quando as autoridades confiscaram grãos de camponeses famintos na China e na Ucrânia (Applebaum, 2017; Jisheng, 2012a). Embora as guerras também possam carecer de linearidade, serem socialmente divisivas e

desmoralizantes, os processos de construção de histórias de heroísmo e vitimização, bem como de bem e mal, são centrais à lógica do conflito (Jabri, 1996).

Em síntese, embora a natureza da violência das fomes agudas nos ofereça algumas pistas sobre por que elas são raramente memorializadas publicamente, sua imprecisão e as linhas nebulosas entre vítimas e algozes podem aparentemente ser superadas. Passamos agora a outro obstáculo à memorialização da fome: a vergonha e a culpa.

VERGONHA E CULPABILIDADE

Uma das formas de esquecimento que Connerton (2008: 67, tradução própria) descreve é o “esquecimento como silêncio humilhado”, um “silêncio cúmplice provocado por um tipo específico de vergonha coletiva”. Ele cita o exemplo da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, onde a demolição de cidades e vidas pelas Forças Aliadas tornou-se um tabu que fazia as pessoas “silenciarem por terror ou pânico, ou porque não conseguiam encontrar as palavras apropriadas” (Connerton, 2008: 67-68, tradução própria). O silêncio humilhado pode ser resultado de repressão, mas também uma tentativa de sobrevivência. A vergonha pode silenciar as experiências dos derrotados na guerra – e pode também estar por trás da relativa falta de memorialização das vítimas da fome.

Walker (2014) discute a ligação entre vergonha e pobreza, argumentando que essa emoção pouco estudada é crucial para as dinâmicas que contribuem para a desigualdade. Em todo o mundo, prosperidade e consumo são importantes sinais de sucesso, enquanto a pobreza tende a ser construída como um fracasso pessoal. Não ter dinheiro suficiente – ou comida – está, portanto, intimamente ligado à vergonha (Walker, 2014: 43-48) e pode fazer com que pessoas pobres – e famintas – mantenham a aparência de não estarem em privação para preservar sua dignidade (Howard; Millard, 1997; Walker, 2014). “Eu nunca quero lembrar os anos da fome aguda”, disse um sobrevivente da Grande Fome na China ao pesquisador Xun (2013: 275-277, tradução própria), enquanto outro declarou que “não tenho necessidade de falar sobre aqueles anos terríveis”. Xun interpretou isso como uma tentativa de manter a dignidade. No Vietnã, para muitas testemunhas da Grande Fome de 1944-1945, que matou aproximadamente 2 milhões de pessoas, “a sobrevivência não pode ser separada dos intensos sentimentos pessoais de vergonha”, muitas vezes ligados aos atos desesperados que cometeram para escapar da morte (MacLean, 2016: 212, tradução própria). Assim, dois tipos de vergonha podem impedir as pessoas de falar abertamente sobre a violência da fome aguda: a humilhação ligada à pobreza e a vergonha associada a comportamentos imorais.

Embora o sentimento de fracasso ou culpa atue em nível pessoal, ele também pode moldar reações em nível coletivo e institucional. Líderes políticos podem querer silenciar a memória da fome para preservar a dignidade da nação ou do Estado. “Quando confrontados com eventos negativos do passado, existem apenas três papéis honrosos que o coletivo nacional pode assumir”, argumenta Assmann (2014: 553, tradução própria): “o de vencedor que superou o mal; o de resistente que lutou heroicamente contra o mal; e o de vítima que sofreu passivamente o mal. Todo o resto [...] é convenientemente esquecido”.

Durante crises alimentares contemporâneas, não apenas a falta de dados, mas também a relutância dos detentores do poder fazem com que as declarações internacionais sobre a emergência de fomes agudas sejam tardias e raras (ver Waal, 2021). A fome aguda de 1984-1985 na Etiópia desencadeou uma massiva campanha humanitária internacional e deu ao país uma imagem duradoura como símbolo de fome. Isso não caiu bem à identidade da Etiópia, como potência estratégica no Chifre da África e com uma história gloriosa de manutenção de sua independência durante os tempos coloniais (ver Finneran, 2008). Nesse sentido, durante a crise alimentar de 2021, na região de Tigray, o rótulo de fome foi evitado por razões políticas (Waal, 2021). Humilhação e soberania estatal parecem estar intimamente interligadas, pois intervenções estrangeiras – militares ou humanitárias – podem minar tanto a independência quanto o orgulho nacional do Estado que sofre a intervenção (cf. Koschut, 2020). Nessa perspectiva, uma das causas das muitas mortes por fome na Finlândia na década de 1860 foi a relutância da elite governante em solicitar assistência de países estrangeiros, pois isso equivaleria a uma perda de soberania (Forsberg, 2017: 42).

Os eufemismos usados ao se referir a fomes em muitos países também podem ser interpretados como tentativas dos detentores do poder de evitar a vergonha e a responsabilidade. Na China, a fome do Grande Salto Adiante foi referida como “os três anos de grande dificuldade econômica” (Zhao; Liu, 2015: 44, tradução própria) – um grande eufemismo, dado os milhões que pereceram. Na Coreia do Norte, na década de 1990, até dois milhões de pessoas morreram de fome no que foi chamado de “the march of suffering”, “a recessão econômica” ou “recessão alimentar” (Fahy, 2012: 231-232, tradução própria). O fato de que cidadãos comuns e líderes locais não tinham permissão para falar sobre fome e suas mortes nessas sociedades autoritárias agravou ainda mais as crises (ver também Manning; Wemheuer, 2011: 16).

A construção da fome como algo vergonhoso pode, portanto, desencorajar a memorialização da fome aguda, pois sobreviventes comuns e detentores do poder desejam preservar sua própria dignidade e a da nação. A seguir, discutimos como outras atrocidades e uma cultura de rememoração podem dificultar – ou permitir – a memorialização da fome aguda.

CULTURA DA MEMÓRIA E TRAUMAS RIVAIS

Como demonstrado, desafios narrativos, vergonha e culpa contribuem para o silenciamento da memória da fome aguda. No entanto, a memorialização de traumas passados também é moldada pelas relações com outros eventos históricos, comemorações e silêncios. As sociedades se baseiam em um “repertório historicamente formado de formas e temas culturais (mnêmicos)”, ou seja, uma coleção de memórias oficiais e não oficiais do passado que aparecem, por exemplo, em livros escolares, filmes, músicas, cerimônias públicas e monumentos, a partir dos quais os atores mnemônicos constroem suas narrativas (Kubik; Bernhard, 2014: 22, tradução própria). A memorialização oficial é inspirada, cooptada ou ganha legitimidade a partir dessas lembranças anteriores. Olick (1999), em sua análise de como os líderes políticos alemães lidaram com a memória do fim da Segunda Guerra Mundial, mostra que eventos memoriais, em grande parte, basearam-se e reagiram a comemorações anteriores. Elas fornecem termos, estilos e expectativas para comemorações subsequentes; de fato, a “memória de comemoração” ajuda a determinar o que é oficialmente lembrado e como (Olick, 1999, tradução própria).

Para entender se e como as fomes agudas são memorializadas, precisamos considerar outros traumas. A memória da fome, aparentemente, pode se inspirar na comemoração de outras atrocidades, mas também pode ser ofuscada por elas. Na Finlândia, traumas nacionais mais recentes moldaram a cultura comemorativa geral. O 150º aniversário da fome da década de 1860 foi marginalizado pelo 100º aniversário da independência nacional e pela guerra civil de 1918 (Kraatari; Newby, 2018: 119). Na Irlanda, 1945 marcou o centenário da Grande Fome, mas também da morte do famoso escritor e nacionalista Thomas Davies. A comemoração de Davies assumiu o centro do palco, enquanto a fome aguda recebeu atenção limitada (Crowley, 2007: 60).

Em muitas sociedades, o esfomeamento em massa é apenas uma das muitas tragédias, muitas vezes entrelaçadas, vivenciadas pela população. A China foi chamada de “terra das fomes agudas”. Antes do esfomeamento em massa causado pelas políticas do Grande Salto Adiante de Mao, de 1959 a 1961, o país já havia passado por inúmeras fomes com taxas de mortalidade na casa dos milhões (Manning; Wemheuer, 2011: 3). Diferentemente dessas fomes, outros eventos traumáticos são oficialmente comemorados com museus, dias memoriais e monumentos, como a guerra entre Japão e China, de 1937 a 1945, e grandes terremotos (ver Denton, 2015). Essa formação de camadas de diferentes memórias em nível social também se reflete nas experiências individuais das vítimas. Com base em entrevistas com testemunhas da Grande Fome, Wemheuer (2010: 194, tradução própria) observa que “Na memória dos aldeões, a fome não é um evento isolado, mas frequentemente ligada a outras experiências desastrosas, como a Revolução Cultural ou a corrupção atual”.

O fato de muitas fomes agudas ocorrerem em um contexto de guerra e repressão torna difícil – senão impossível – dissociá-las de outros tipos de violência. Isso também complica a memorialização da fome aguda. Muitos países afetados pela fome aguda, especialmente no Sul Global, também sofreram – e continuam a sofrer – com guerras, terrorismo, repressão, desastres naturais e novos períodos de fome severa. O fato das fomes na Somália, Sudão do Sul, Etiópia, República Democrática do Congo e outros lugares não serem oficialmente memoradas pode ser explicado pelo “ofuscamento” e pela “diluição” da memória da fome aguda diante de memórias de outras atrocidades em massa. Isso também pode explicar por que a fome irlandesa foi extensivamente memorializada na República da Irlanda, mas menos na Irlanda do Norte, onde os “Troubles” receberam mais atenção (Holt; Mahoney, 2020: 80; Mark-Fitzgerald, 2013: 158).

Embora memórias de outros traumas possam dificultar a memorialização das fomes agudas, elas também podem inspirá-las. Nas últimas décadas, desenvolveu-se uma cultura global da memória, na qual a memorialização de passados difíceis é vista como necessária para evitar novas atrocidades em massa (cf. Assmann, 2014). Em particular, o Holocausto emergiu como uma “memória cosmopolita; um trauma que define não apenas a história e identidade dos judeus, mas também da humanidade em geral” (Levy; Sznajder, 2002). A “memória da comemoração” tem, portanto, pontos de referência tanto nacionais quanto transnacionais. Rothberg (2009: 3, tradução própria) propõe o conceito de “memória multidimensional” para captar como a memória está “submetida a negociações contínuas, referências cruzadas e empréstimos”. No tocante à memorialização da fome aguda, esse tipo de referência cruzada é evidente no uso que a Ucrânia faz do Holocausto no termo Holodomor (Dietsch, 2006; Himka, 2013: 419-21), e por aqueles que buscam reviver a memória da fome em massa na Pérsia na década de 1910 (Edalati; Imani, 2024). A fome aguda no Cazaquistão na década de 1930 foi amplamente despolitizada e silenciada, apesar de seu número de mortos ter chegado a cerca de 2 milhões (Sharipova *et al.*, 2020: 1). No entanto, o recente interesse em rememorá-la é inspirado pela memorialização da fome na Ucrânia (Richter, 2020: 488).

Tendo concluído que a memorialização da fome é moldada – e às vezes ofuscada – pela memória de outros eventos traumáticos, passamos agora a uma importante condição prévia para a memorialização pública da fome aguda: a ruptura com o passado.

ROMPENDO COM O PASSADO

Frequentemente, a memorialização é possibilitada por, ou enquadrada como, uma ruptura com o passado. Em sua história moderna da fome, Vernon (2007) traça uma mudança discursiva durante o século XX, em que a fome deixa de ser tratada como um destino inevitável ou

culpa dos próprios pobres, para ser percebida como uma falha incompatível com a sociedade moderna. Colocar a fome fora do contexto do desenvolvimento pode também permitir sua rememoração. Após a Grande Fome, a pobreza e a fome continuaram a assolar a Irlanda por mais de um século. O boom de comemorações nos anos 1990 ocorreu após desenvolvimentos econômicos drásticos que fizeram da Irlanda um “Tigre Celta” e, da fome, uma tragédia do passado (Mark-Fitzgerald, 2013: 62). As comemorações enfatizavam repetidamente a identidade da Irlanda como um país desenvolvido, capaz tanto de se identificar com países famintos no Sul global quanto de assisti-los. No Líbano, al-Qattan (2014: 723) aponta a ausência de um fim claro para a crise de inanição como uma razão para que a fome da Primeira Guerra Mundial tenha sido excluída da memória pública. Também na África Subsaariana, as fomes agudas das últimas décadas ocorreram em locais onde não são um passado traumático a ser memorializado, mas uma realidade presente e uma ameaça futura.

Na China, as dificuldades contínuas enfrentadas pelos sobreviventes da Grande Fome também podem ter contribuído para o silenciamento do passado. Um dos entrevistados de Xun expressou: “Para mim, a fome aguda só terminou nos anos 1980. Foi somente então que parei de sentir fome” (Xun, 2013: 279, tradução própria). Embora a China tenha superado a pobreza extrema em larga medida, o Partido Comunista Chinês permanece no poder, tornando impensável uma memorialização liderada pelo Estado. Como comentou Yang Jisheng (2012b, tradução própria): “Uma exposição completa da Grande Fome poderia minar a legitimidade do partido governante, que se apega ao legado político de Mao, mesmo que esse legado, um sistema comunista totalitário, tenha sido a causa raiz da fome”.

De fato, mudanças de regime frequentemente abrem caminho para a memorialização de passados difíceis (Malinova, 2021). Novas elites governantes podem reivindicar um patrimônio nacional perdido para construir legitimidade para si mesmas. O período logo após uma transferência de poder é frequentemente caracterizado por “produção intensiva de memória” (Ochman, 2020: 177, tradução própria). Um exemplo óbvio é a Ucrânia, que, após a independência, em 1991, reviveu sua história suprimida. A fome aguda de 1932-1933 tornou-se central para a identidade nacional da Ucrânia e para a dissociação do passado comunista (Dietsch, 2006; Kas’ianov, 2011; Törnquist-Plewa; Yurchuk, 2019). Na Índia, debates recentes sobre a responsabilidade de Churchill pela fome de Bengala contribuem para a reinterpretação e ruptura com o passado colonial (ver Mukerjee, 2011).

Huff (2020) sugere que a fome dos anos 1940 em Java não foi politizada – ou memorializada – porque os líderes indonésios implicados ainda estavam no poder. No Vietnã, em contraste, Ho Chi Minh usou a Grande Fome para mobilizar as bases para sua revolução comunista. Uma vez no

poder, ele se apoiou na experiência da fome aguda para construir legitimidade para seu governo (Huff, 2020: 651-653; ver também MacLean, 2016).

Finalmente, a passagem do tempo pode permitir a memorialização. À medida que a geração que viveu – e foi responsável por – uma atrocidade em massa passa, a criação de memória pode se tornar possível. Connerton (2008) observa que o silêncio humilhado pode ser rompido por gerações subsequentes que não são envergonhadas, mas ansiosas para reivindicar um patrimônio penoso como seu. O longo atraso na construção de memoriais na Irlanda, onde o primeiro monumento à fome foi erguido 115 anos após a fome aguda (Mark-Fitzgerald, 2013: 60), e no Líbano, que teve seu primeiro monumento à fome aguda 100 anos após a sua ocorrência (Akerman, 2018), aponta para essa dimensão temporal.

Deixar o passado para trás por meio do desenvolvimento econômico, da mudança de regime ou da passagem do tempo pode, assim, permitir a memorialização da fome aguda; a falta de tais rupturas pode dificultá-la.

CONSTRUINDO A NAÇÃO, CRIANDO UNIDADE

Frequentemente, vitórias em guerras, resistência contra ocupações estrangeiras, declarações inovadoras ou constituições recém-criadas são pontos de referência históricos usados na construção e celebração da nação (Turner, 2006). A fome em massa raramente figura de maneira proeminente nas narrativas nacionais e práticas comemorativas. No entanto, quando as fomes agudas são destacadas, tendem a ser enquadradas como uma experiência de sofrimento compartilhado, em vez de divisiva e vergonhosa. Embora a Grande Fome Irlandesa certamente não tenha afetado todos os irlandeses de maneira igual, os esforços de memorialização a retratam como um trauma suportado por todos. O uso de um “nós” coletivo durante as comemorações da década de 1990 estabeleceu um vínculo entre as vítimas da fome e os irlandeses contemporâneos, que foram instados a romper o silêncio em torno de seu passado traumático (Ó Gráda, 2001). Nos muitos esforços de memorialização, as complexidades foram suavizadas ao retratar todos os irlandeses como herdeiros das vítimas da fome aguda – enquanto, na verdade, as vítimas da fome eram menos propensas a deixar descendentes do que aqueles que se beneficiaram do desastre (Mark-Fitzgerald, 2013: 90; Ó Gráda, 1999: 231).

Crowley (2007) sugeriu que as comemorações de meados da década de 1990 foram realizadas em busca de estabilidade cultural em uma Irlanda passando por rápidas transformações. Durante aquele período, “as velhas certezas da identidade irlandesa (Nacionalismo e Catolicismo) haviam começado a se desintegrar, gerando a necessidade de

construir novas memórias” (Crowley, 2007: 66, tradução própria). A experiência supostamente compartilhada da fome aguda tornou-se central para a identidade coletiva irlandesa em um mundo globalizado. A necessidade de continuidade histórica também foi sentida entre os descendentes de migrantes irlandeses para a América do Norte, algo atestado pelos muitos memoriais erguidos em locais onde os migrantes irlandeses chegaram ou se estabeleceram. Para muitos irlandeses-americanos, a Grande Fome é “a criação de uma história que tanto explica nossa presença na nova terra quanto nos conecta à antiga por meio de um poderoso senso de ressentimento” (O’Neill, 2001 apud Kelleher, 2002: 267, tradução própria). Que a fome aguda marca o nascimento da diáspora irlandesa é outra simplificação, entretanto, pois nem todos os irlandeses emigraram para a América por essa razão. No entanto, na busca por uma identidade compartilhada orientada para a terra natal, a fome aguda funciona como um “chosen trauma” (Crowley, 2007: 65), facilitando a transmissão intergeracional da identidade.

De maneira semelhante, a fome aguda de 1932-1933 na Ucrânia – onde os esforços de coletivização de Stalin e as requisições em larga escala de grãos mataram cerca de 4 milhões de pessoas – é central para o projeto de construção da nação ucraniana. Aqui também a narrativa oficial apaga complexidades ao retratar todos os ucranianos como vítimas e silenciar o papel dos implementadores locais (Dietsch, 2006: 221; Himka, 2013: 425). A Ucrânia pós-independência fez da fome aguda um símbolo principal usado para restaurar a unidade nacional (Kas’ianov, 2011: 78). Se o totalitarismo de Stalin “pudesse ser representado como o inimigo do povo ucraniano, os problemas que surgem no curso da ‘revitalização’ nacional e estatal poderiam ser atribuídos ao passado”, sugere Kas’ianov (2011: 76, tradução própria). A introdução do termo Holodomor e a campanha pelo reconhecimento dele como um genocídio do povo ucraniano ajudaram ainda mais a “alimentar a narrativa própria do projeto da nação de experiência histórica compartilhada e vitimização”, ao mesmo tempo em que apontavam os perpetradores, que poderiam funcionar como “outros inimigos contra os quais a nação é construída” (Himka, 2013: 428, tradução própria). No entanto, como discutido na próxima seção, essa unidade não estava livre de descontentamento.

A China, que não tinha um inimigo externo a quem culpar pela sua Grande Fome, tentou lidar com a memória dela de maneiras que preservassem a unidade e a harmonia (Wemheuer, 2010: 192). Rui (2022) mostra como o poder central culpou não apenas os desastres naturais, mas também os quadros locais, e assim conseguiu manter a imaginação de uma nação indivisível na busca pelo progresso, ameaçada apenas por traidores e “outros” mal-intencionados dentro do próprio país (cf. Wemheuer, 2010; Thaxton, 2016: 26).

A fome aguda na Finlândia na década de 1860 não foi objeto de esforços comemorativos liderados pelo Estado, mas foi incorporada nas narrativas nacionais por meio de livros didáticos, historiografia, literatura e jornais como um sofrimento que o povo finlandês heroicamente suportou. Retratada como resultado do clima frio, a responsabilidade dos que estavam no poder foi ignorada. Forsberg (2017: 44, tradução própria) escreve que “[a] geada foi um símbolo vívido que conectou o povo a esta terra específica, o passado com o presente, e um evento do âmbito da memória privada a um mito enquadrado nacionalmente concebido como parte da história nacional”. A fome aguda foi apresentada como “as inevitáveis dores de parto econômico de uma nova nação” (Kraatari; Newby, 2018: 99, tradução própria). Portanto, embora as fomes agudas estejam longe de ser experiências unificadoras quando acontecem, podem ser construídas como tal em retrospecto, para fins de construção da nação.

INSTRUMENTALIZANDO O PASSADO NA POLÍTICA DOMÉSTICA E INTERNACIONAL

Enquanto a seção anterior destacou como a revitalização do passado de uma fome aguda pode servir a propósitos de construção nacional, esta seção foca em seu uso na estratégia política e nas rivalidades. Pesquisadores notaram que as elites tendem a construir uma versão da história que apoia suas ambições de conquistar ou manter o poder (Kubik; Bernhard, 2014: 9). De fato, uma razão importante pela qual certos eventos históricos se tornam memórias coletivas é a utilização deles na política de oposição (ver Ochman, 2020: 179).

Na Ucrânia, a revitalização da memória da fome aguda não apenas forjou a unidade, mas também se tornou um veículo para a contestação política. Com a esquerda dominando o parlamento na década de 1990, a oposição utilizou o passado totalitário do país para retratar “a Esquerda e uma parte da elite política governante como herdeiros de Lenin e Stalin, e culpá-los pelo deplorável estado da Ucrânia, tanto no passado quanto no presente” (Kas’ianov, 2011: 74, tradução própria). Havia também divisões regionais: muitas pessoas no sudeste da Ucrânia e na Crimeia – áreas habitadas por muitos russos – não apoiavam uma narrativa oficial que retratava Stalin e a União Soviética como vilões (Kas’ianov, 2011: 75). Esforços de memorialização e reconhecimento de genocídio foram intensificados durante períodos de acirrada luta política (Kas’ianov, 2011: 76-80). O Cazaquistão pós-independência, por outro lado, teve um governo estável de um ex-primeiro secretário do partido comunista que sufocou qualquer oposição. Em um sistema sem contestação política, o passado soviético – incluindo a fome aguda – não foi politizado (Richter, 2020).

No caso da Ucrânia, a história também foi instrumentalizada na política internacional. “A Ucrânia lembra, o mundo reconhece” foi o slogan de uma campanha liderada pelo Estado, ainda em andamento, para obter reconhecimento internacional do Holodomor como um genocídio contra os ucranianos (Kas’ianov, 2011: 86, tradução própria). O discurso de genocídio pode ser entendido como uma narrativa estratégica, que traça uma linha clara entre vítimas inocentes e perpetradores malévolos, e liga ameaças contemporâneas da Rússia contra a Ucrânia a atrocidades anteriores. “Posicionar a Ucrânia coletivamente como vítima de genocídio no passado conferiria um senso de inocência histórica à Ucrânia como país atualmente, o que poderia ser traduzido em capital político em uma luta geopolítica”, argumenta Irvin-Erickson (2017: 137, tradução própria). A invasão russa de 2022 tanto ofuscou, quanto revitalizou a memória do Holodomor. O Cazaquistão, por outro lado, teve interesses geopolíticos e econômicos em manter boas relações com a Rússia – uma razão importante pela qual sua elite política hesitou em buscar a memorialização daquela fome e o reconhecimento do genocídio (Richter, 2020: 477; ver também Kundakbayeva; Kassymova, 2016).

Competição e conflito, tanto domésticos quanto internacionais, podem, portanto, politizar um passado de fome aguda e incentivar sua memorialização. O mesmo pode acontecer com iniciativas “de baixo para cima”, como discutido a seguir.

ATIVISMO DE MEMÓRIA E INICIATIVAS LOCAIS

Nas últimas décadas, temos observado “a erosão da posição dominante das autoridades centrais na construção das práticas comemorativas”, pelo menos em muitas democracias (Ochman, 2020: 177, tradução própria). Isso abre espaço para que outros atores organizem, promovam ou inspirem a memorialização pública. Um exemplo da Irlanda ilustra como ativistas da memória podem organizar e possibilitar a memorialização pública da fome: em 1958, Jack Sorensen, de Cork, construiu uma cruz de aço de dezesseis metros e a ergueu em Carr’s Hill, que havia sido um cemitério mal administrado para vítimas da fome aguda durante o século XIX. A cruz iluminada podia ser vista da cidade, e assim trouxe o local de sepultamento desprezado e posteriormente esquecido “para a consciência pública” e desafiou sua “relegação às margens da memória social e do cuidado” (Mark-Fitzgerald, 2013: 111, tradução própria). Sorensen contou apenas com a ajuda de seus amigos e arcou com os modestos custos dos materiais. Seu projeto de memória foi concebido e executado antes do surgimento do discurso sobre a necessidade de memorializar atrocidades em massa. Em 1997, no entanto, o memorial foi incorporado aos esforços oficiais para

comemorar o 150º aniversário da Grande Fome, quando organizações locais renovaram o local e colocaram duas pedras – uma das quais foi dedicada à memória do próprio Sorensen (Mark-Fitzgerald, 2013).

Muitos dos agora centenas de monumentos à fome na Irlanda foram viabilizados por uma combinação de esforços de entusiastas locais e iniciativas patrocinadas pelo Estado. A organização da sociedade civil Action from Ireland (Afri) teve grande influência na mobilização da memória da fome aguda. Em 1988, a Afri organizou sua primeira “caminhada da fome aguda”, uma caminhada anual de 18 km ao longo de uma rota que um grupo de pessoas famintas percorreu em 1849 numa tentativa desesperada de conseguir ajuda. A Afri também incentivou e moldou o grande empreendimento de memorialização do governo irlandês (Mark-Fitzgerald, 2013: 70). A Afri e outras organizações de desenvolvimento conectaram o passado de fome em massa da Irlanda à solidariedade com pessoas afetadas pela fome contemporânea – um discurso adotado por representantes do estado. Mesmo que o entusiasmo pela memorialização da década de 1990 tenha diminuído, a Afri continua a realizar suas caminhadas da fome, ligando a experiência da fome irlandesa a preocupações atuais sobre mudanças climáticas e justiça social (The Afri..., 2020).

Na China, que carece de rememorações oficiais de fomes agudas, também há iniciativas de memorialização “de baixo para cima”. Em 2004, um agricultor local na província de Henan ergueu pedras memoriais com os nomes dos 71 habitantes da aldeia que morreram na “crise alimentar” de 1959. “A razão pela qual construí as pedras comemorativas é para que os jovens de nossa aldeia saibam sobre o que aconteceu e nunca sigam o mesmo caminho novamente”, disse o agricultor Yongkuan. “Alguns moradores me ajudaram a construí-las. Pagamos por elas do nosso próprio bolso” (Xun, 2013: 274, tradução própria).

Outros espaços de comemoração surgiram com o rápido desenvolvimento das mídias sociais. Zhao e Liu (2015) argumentam que o serviço de *microblogging* da China, Weibo, é uma esfera comunicativa em que as pessoas podem compartilhar memórias que são publicamente suprimidas ou marginalizadas. Um debate sobre a Grande Fome do Salto Adiante começou em 2012, quando um jornalista conhecido do partido comunista disse a seus cerca de 230.000 seguidores no Weibo que muito poucas pessoas morreram de fome durante 1959-1961. Isso desencadeou uma onda de respostas em que as pessoas contestaram a declaração, referindo-se a documentos, estatísticas governamentais, trabalhos acadêmicos, reportagens, memórias e histórias de suas próprias famílias. A controvérsia desafiou a rotulagem e o silenciamento oficial da fome, enquanto tornava informações sobre ela disponíveis. Um usuário do Weibo estabeleceu um monumento online para a Grande Fome, que foi, no entanto,

rapidamente removido pelo *microblogging* (Zhao; Liu, 2015: 46). O debate também se espalhou para a mídia offline, e as pessoas continuaram a coletar nomes de vítimas da fome para rememorá-las.

Numerosas publicações também fornecem evidências da Grande Fome da China e, assim, até certo ponto, a memorializam. O romance amplamente lido de Zhi Liang (1994, *apud* Weigelin-Schwiedrzik, 2003: 54, tradução própria), *A starving mountain village*, descreve os sofrimentos e a desordem em uma aldeia. Um leitor comentou que “Os três anos de fome sempre estiveram enterrados vivos nos túmulos do esquecimento da história”, mas, com este romance, o autor “está escavando esses túmulos do esquecimento e reconstituindo as memórias do nosso Estado e da nossa nação, embora sejam memórias difíceis”. Outro livro influente é *Tombstone: the Great Chinese Famine*, de Yang Jisheng (2012a), um monumento em si, segundo o autor:

I intended my book to be a memorial to the 36 million victims, but also a literal tombstone, anticipating the ultimate demise of the totalitarian political system that caused the Great Famine. I was mindful of the risks in this endeavour: if something happens to me because I tried to preserve a truthful memory, then let the book stand as my tombstone, too. (Jisheng, 2012b)

No Líbano, a literatura também serviu como um espaço para lembrar os horrores da fome de 1915-1918. Quando não há monumentos para as vítimas da fome, argumenta al-Qattan (2014: 723, tradução própria), a comida e o lugar de destaque que ocupa na literatura sobre os anos de fome constituem um *lieu de mémoire* e um “lugar de descanso metafórico” para as vítimas da fome. Em 2018, um memorial público foi erguido para a fome, uma “árvore da memória”, criada por Yasan Halwani. A iniciativa veio de um historiador e um escritor, que conseguiram apoio da St Joseph’s University de Beirute, do Banco Central do Líbano e da Prefeitura de Beirute (ver Akerman, 2018).

Esses exemplos apontam para o papel de entusiastas individuais, grupos locais, historiadores, escritores e artistas na revitalização e marcação da memória das vítimas da fome aguda. Além disso, municípios e o setor privado podem ter interesse no patrimônio da fome como uma oportunidade turística. A mobilização de memórias difíceis “de baixo para cima” pode desafiar os silêncios oficiais sobre as fomes agudas e, sob algumas circunstâncias, até ajudar a alterar a abordagem dominante do passado (cf. Malinova, 2021: 5). Esse foi o caso quando atores estatais na recém-independente Ucrânia adotaram a narrativa da diáspora na América do Norte sobre a fome aguda como genocídio contra o povo ucraniano (Dietsch, 2006).

CONCLUSÕES

Este artigo argumentou que, embora as fomes agudas possam ser entendidas como um tipo de atrocidade em massa, muitos fatores inibem sua rememoração pública, como a falta de datas claras de início e fim, a natureza “não espetacular” e “invisível” da violência da fome aguda e a dificuldade em distinguir vítimas e perpetradores. A humilhação, a vergonha e a culpa também podem desencorajar a comemoração pública, juntamente com a percepção de que a fome não é um evento extraordinário, mas uma condição “normal”. Além disso, outras atrocidades vivenciadas pela sociedade podem ofuscar a memória de uma fome.

No entanto, esses obstáculos não condenam inevitavelmente as fomes agudas ao esquecimento. Como mostram os exemplos da Grande Fome Irlandesa e do Holodomor Ucrâniano, o silêncio pode ser rompido. Uma ruptura ou afastamento do passado parece ser importante, por exemplo, na forma de mudança de regime ou na erradicação da fome generalizada no país. Em algumas circunstâncias, um passado de fome aguda pode ser útil para líderes que desejam formar unidade nacional em torno de um trauma compartilhado ou que buscam instrumentalizar a história para a política de oposição. É possível construir uma narrativa de fome passada que enfatize a vitimização coletiva e a contraste com as (presumidas) conquistas no presente. Os líderes podem compor uma história de orgulho nacional e resiliência diante da fome aguda, seja ela uma crise causada por uma potência ocupante, ou pelas forças da natureza, superando assim a vergonha associada à fome. Iniciativas de indivíduos e grupos locais podem desafiar o descaso oficial com um passado de fome aguda, enquanto a literatura e as mídias sociais fornecem espaços alternativos para a memorialização. Podemos concluir que a natureza e o grau dos obstáculos à memorialização, combinados com as oportunidades disponíveis em cada caso e durante diferentes períodos, determinam se e como as fomes agudas são publicamente lembradas.

Considero o quadro desenvolvido neste artigo como provisório. Pesquisas futuras podem aplicá-lo, reconsiderá-lo e elaborá-lo como um todo, ou explorar mais profundamente alguns dos obstáculos e oportunidades identificados. Estudos comparativos e estudos de caso aprofundados serão essenciais para avançar na agenda de pesquisa sobre a memorialização da fome. Especialmente, são necessários mais exemplos do Sul Global para entender melhor a ausência de memorialização da fome aguda – assim como trabalhos acadêmicos sobre o tema – e quais recursos, dinâmicas políticas e iniciativas a possibilitam.

Outra questão a ser aprofundada diz respeito aos efeitos e ao significado da memorialização da fome aguda para indivíduos e sociedades. Este artigo partiu da ideia de que o

silenciamento da memória da fome aguda é problemático. No entanto, os esforços de rememoração pública não são necessariamente um problema sem solução para a invisibilização do sofrimento. A memorialização também pode ser divisiva, capturada por elites ou levar à retraumatização. Quando e como a memorialização da fome aguda em massa é útil, e para quem é útil, portanto, são questões dignas de investigação adicional.

Embora este artigo tenha focado nas fomes agudas, existem numerosos outros tipos de atrocidades que muitas vezes – mas nem sempre – são excluídas da memorialização pública. Morte e sofrimento causados por doenças, acidentes, desastres naturais ou violência doméstica são alguns exemplos. Quais fatores impedem e facilitam sua memoração pública é uma questão que ainda merece investigação. Enquanto isso, a fome aguda em larga escala continua sendo uma ameaça séria para pessoas e sociedades em todo o mundo. Como as vítimas são lembradas e como as crises de fome são compreendidas têm implicações sobre como a atribuição de responsabilidade e sobre como a prestação de contas (*accountability*) sobre elas é buscada – e, subseqüentemente, sobre como podemos prevenir fomes agudas no futuro.

NOTAS

1 NOTA DO TRADUTOR: Em português, usamos a palavra fome para nos referirmos a três fenômenos diferenciados e que têm termos específicos em inglês: *hunger*, *famine* e *starvation*. *Hunger* significa a sensação de vazio no estômago, enquanto *famine* denota crises agudas de inanição que podem levar à morte, seja pela falta ingestão de alimentos ou por fatores a isso associados, desde doenças que acometem o corpo bastante debilitado até o processo migratório para tentar escapar do contexto gerador da carestia extrema. Já *starvation* se refere ao ato de negar o alimento a uma pessoa ou a um grupo com o intuito de causar dano ou mesmo morte. *Hunger* e *starvation* podem ser utilizados para indivíduos ou coletividades, mas *famine* sempre se refere a um grave contexto coletivo de inanição. Em seu texto, a autora utiliza os três termos e geralmente com essas conotações, mas seu foco central está em *famine*, ou seja, seu objeto de pesquisa é a memorialização das crises coletivas de inanição. Ocorre que nas últimas décadas sedimentou-se o entendimento de que mesmo as *famines* são resultado da ação humana direta ou indireta, inclusive na forma de inanição que não previne ou que permite que a crise aconteça. Isto é, as fronteiras entre os termos *famine* e *starvation* se tornaram nebulosas. Mesmo assim, ambos se diferem de *hunger*, que pode até acometer grandes coletividades, conjunturalmente ou de forma endêmica, mas não chega a ser causa primeira de mortes diretas ou indiretas de coletividades. Para tentar captar a essência da redação da autora, utilizei o termo fome aguda como equivalente para *famine* e o verbo esfomear para

traduzir *starvation*. Mantive o termo fome como correlato a *hunger*, a não ser em casos em que se trata de uma *famine* ou *starvation* nominada, como a Grande Fome da China, a Fome de Bengala, a Fome Irlandesa ou o Holodomor, na Ucrânia. Essas quatro crises são normalmente referidas pela autora como *famines* e em menor grau como *starvation* ou *mass-starvation*. Para uma discussão sintética sobre esses termos, ver Salay (2023).

2 Utilizei Scopus e Google Scholar, combinando palavras de busca como memorialização, comemoração, memória ou memorial (respectivamente, *memorialisation*, *commemoration*, *memory*, *memorial*), com fome aguda, fome ou esfoameamento (*famine*, *hunger*, *starvation*), além de realizar buscas relacionadas a fomes específicas.

REFERÊNCIAS

AKERMAN, Iain. Yazan Halwani Unveils 'The Memory Tree,' Commemorating Lebanon's Great Famine. *Arab News*, [S. l.]. 4 ago. 2018. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/1350886/art-culture>. Acesso em: 31 ago. 2024.

ÅKESSON, Lisa; MÅNSSON, Alicia Borges. The lyrics of hunger: Cabo Verdean music as a space for organic remembering. *Third World Quarterly*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 1-17, 2023.

AL-QATTAN, Najwa. When mothers ate their children: Wartime memory and the language of food in Syria and Lebanon. *International Journal of Middle East Studies*, [S. l.], v. 46, n. 4, p. 719-36, 2014.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the origin and spread of nationalism. Londres: Verso, 1983.

APPLEBAUM, Anne. *Red famine: Stalin's war on Ukraine*. Londres: Allen Lane, 2017.

ASSMANN, Aleida. Transnational memories. *European Review*, Cambridge, v. 22, n. 4, p. 546-56, 2014.

BRUBAKER, Rogers; FEISCHMIDT, Margit.. 1848 in 1998: The politics of commemoration in Hungary, Romania, and Slovakia. *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge, v. 44, n. 4, p. 700-744, 2002.

BUTLER, Judith. *Precarious Life: The powers of mourning and violence*. Londres: Verso, 2004.

CONNERTON, Paul. Seven types of forgetting. *Memory Studies*, Thousand Oaks, v. 1, n. 1, p. 59–71, 2008.

CORPORAAL, Marguérite; ZWARTE, I. de. Heritages of hunger: European famine legacies in current academic debates. *International Journal of Heritage Studies*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 30–43, 2022.

CROWLEY, John. Constructing famine memory: The role of monuments. In: MOORE, N.; WHELAN, Y. (ed.). *Heritage, memory and the politics of identity*. New perspectives on the cultural landscape. Londres: Routledge, 2007. p. 55-67.

DENTON, Kirk A. *Exhibiting the Past: Historical memory and the politics of museums in postsocialist China*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2015.

DIETSCH, Johan. *Making sense of suffering: Holocaust and Holodomor in ukrainian historical culture*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de Lund, Lund, 2006.

EDALATI, Zahra; IMANI, Majid.. Imperial wars and the violence of hunger: Remembering and forgetting the great persian famine 1917-1919. *Third World Quarterly*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 350-366, 2023.

EDKINS, Jenny. *Trauma and the memory of politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FAHY, Sandra. Recalling what was unspeakable: Hunger in North Korea. In: SKINNER, J. (ed.). *The Interview: An Ethnographic Approach*. Londres: Bloomsbury Academic, 2012. p. 229-244.

FAO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA; IFAD. FUNDO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA; UNICEF. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA; WFP. PROGRAMA MUNDIAL DE ALIMENTOS; WHO. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *The state of food security and nutrition in the world 2022: Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable*. Roma: FAO, 2022.

FINNERAN, Niall. The persistence of memory: Nationalism, identity and the represented past. The ethiopian experience in a global context. *Studies in Ethnicity and Nationalism*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 21-37, 2003.

FORSBERG, Henrik. Masculine Submission: National narratives of the last great famine, c. 1868-1920. *Journal of Finnish Studies*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 38-64, 2017.

GALTUNG, Johan. Violence, Peace, and Peace Research. *Journal of Peace Research*, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

GUTMAN, Yifat; WÜSTENBERG, Jenny. Challenging the meaning of the past from below: A typology for comparative research on memory activists. *Memory Studies*, [S. l.], v. 15, n. 5, p. 1070-1086, 2021.

HIMKA, John-Paul. Encumbered Memory: The Ukrainian Famine of 1932-33. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, v. 14, n. 2, p. 411-436, 2013.

HOLT, Emily; MAHONEY, Grace. Rupture and call: Famine encounters from contemporary irish and ukrainian women in the arts. *East/West: Journal of Ukrainian Studies*, Edmonton, v. 7, n. 2, p. 69-97, 2020.

HOWARD, Mary Theresa; MILLARD, Ann V. *Hunger and shame: Child malnutrition and poverty on Mount Kilimanjaro*. Nova York: Routledge, 1997.

HUFF, Gregg. The great second world war Vietnam and Java famines. *Modern Asian Studies*, Cambridge, v. 54, n. 2, p. 618-653, 2020.

IGREJA, Victor. Negotiating relationships in transition: War, famine, and embodied accountability in Mozambique. *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge, v. 61, n. 4, p. 774-804, 2019.

IRVIN-ERICKSON, Douglas. Genocide discourses: American and russian strategic narrative- of conflict in Iraq and Ukraine. *Politics and Governance*, Lisboa, v. 5, n. 3, p. 130-45, 2017.

IRWIN-ZARECKA, Iwona. *Frames of remembrance: The dynamics of collective memory*. Nova York: Routledge, 1994.

JABRI, Vivienne. *Discourses on Violence: Conflict analysis reconsidered*. Manchester: Manchester University Press, 1996.

JISHENG, Yang. *Tombstone: The Great Chinese Famine, 1958-1962*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2012a.

JISHENG, Yang. China's great shame. *The New York Times*, Nova York, 13 nov. 2012b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/11/14/opinion/chinas-great-shame.html>. Acesso em: 31 ago. 2024.

- KAS'IANOV, Georgii. The holodomor and the building of a nation. *Russian Social Science Review*, Londres, v. 52, n. 3, p. 71-93, 2011.
- KELLEHER, Margaret. *The feminization of famine: Expressions of the inexpressible?* Durham: Duke University Press, 1997.
- KELLEHER, Margaret. Hunger and history: Monuments to the great irish famine. *Textual Practice*, Londres, v. 16, n. 2, p. 249-276, 2002.
- KIRSCHENBAUM, Lisa A. *The legacy of the siege of leningrad, 1941–1995: Myth, memories, and monuments*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KOSCHUT, Simon (ed.). *The power of emotions in world politics*. Londres: Routledge, 2020.
- KRAATARI, Eliza; NEWBY, Andrew G. Memory of the great hunger years revisited: Finland's 1860s famine memorials, mass graves and a commemorative craft initiative. *Thanatos, [S. l.]*, v. 7, n. 2, p. 90-126, 2018.
- KUBIK, Jan; BERNHARD, M. (ed.). A theory of the politics of memory. In: KUBIK, J.; BERNHARD, M. (ed.). *Twenty Years After Communism*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- KUNDAKBAYEVA, Zhanat; KASSYMOVA, Didar.. Remembering and forgetting: The state policy of memorializing Stalin's repression in post-soviet Kazakhstan. *Nationalities Papers*, Cambridge, v. 44, n. 4, p. 611-627, 2016.
- LEVY, Daniel; SZNAIDER, Natan. Memory unbound: The holocaust and the formation of cosmopolitan memory. *European Journal of Social Theory, [S. l.]*, v. 5, n. 1, p. 87-106, 2002.
- LOGAN, William; REEVES, K. (ed.). *Places of pain and shame: Dealing with "difficult heritage"*. Nova York: Routledge, 2009.
- MACDONALD, Sharon. *Memorylands: heritage and identity in Europe today*. Londres: Routledge, 2013.
- MACLEAN, Ken. History reformatted: Vietnam's great famine (1944–45) in archival form. *Southeast Asian Studies, [S. l.]*, v. 5, n. 2, p. 187-218, 2016.
- MALINOVA, Olga. Politics of memory and nationalism. *Nationalities Papers*, Cambridge, v. 49, n. 6, p. 997-1007, 2021.
- MANNERGREN SELIMOVIC, Johanna. Gendered silences in post-conflict societies: A typology. *Peacebuilding*, Londres, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2020.
- MANNING, Kimberley Ens; WEMHEUER, Felix. Introduction. In: MANNING, Kimberley Ens; WEMHEUER, Felix (ed.). *Eating bitterness: new perspectives on China's great leap forward and famine*. Vancouver: UBC Press, 2011. p. 1-27.
- MARK-FITZGERALD, Emily. *Commemorating the irish famine: Memory and the monument*. Liverpool: Liverpool University Press, 2013.
- MCDOWELL, Sara; BRANIFF, Máire. *Commemoration as conflict: Space, memory and identity in peace processes*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- MINK, Georges; NEUMAYER, Laure (ed.). *History, memory and politics in Central and Eastern Europe: Memory Games*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- MOELLER, Susan D. *Compassion fatigue: How the media sell disease, famine, war and death*. Nova York: Routledge, 1998.

MUKERJEE, Madhusree. *Churchill's secret war: The British Empire and the ravaging of India during World War II*. Nova York: Basic Books, 2011.

Ó GRÁDA, Cormac. *Black '47 and Beyond: The great irish famine in history, economy, and memory*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1999.

Ó GRÁDA, Cormac. Famine, trauma and memory. *Béaloideas*, Dublin, v. 69, p. 121-143, 2001.

OCHMAN, Ewa. When and why is the forgotten past recovered? the battle of Warsaw, 1920 and the role of local actors in the production of memory. *Memory Studies*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 176-190, 2017.

OLICK, Jeffrey K. Genre Memories and Memory Genres: A Dialogical Analysis of May 8, 1945 Commemorations in the Federal Republic of Germany. *American Sociological Review*, [S. l.], v. 64, n. 3, p. 381-402, 1999.

RICHTER, James. Famine, memory, and politics in the post-soviet space: Contrasting echoes of collectivization in Ukraine and Kazakhstan. *Nationalities Papers*, Cambridge, v. 48, n. 3, p. 476-491, 2020.

ROTHBERG, Michael. *Multidirectional memory*. Stanford: Stanford University Press, 2009.

RUBIN, Olivier. The precarious state of famine research. *The Journal of Development Studies*, Londres, v. 55, n. 8, p. 1633-1653, 2019.

RUI, Jingyang. Finding the "other" from within: How the CCP survived the legitimacy crisis after China's Great Leap Famine. *Third World Quarterly*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 403-419, 2022.

SALAY, Adriana. Josué de Castro e o sentido moderno de fome. In: GRAZIANO DA SILVA, José; CARNEIRO, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (org.). *Josué de Castro e a diplomacia da fome*. Brasília: FUNAG, 2023. p. 61-92.

SHARIPOVA, Dilyara Safargaliyevna; KENJAKULOVA, Ainur Berikovna; KOBZHANOVA, Svetlana Zhumasultanovna; ORAZKULOVA, Kaldykul Serikbaevna; KENZHEBAYEVA, Leila Abdyganievna. Revisiting the kazakh famine at the beginning of the 1930s in fine art forms from the perspective of cultural memory. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, Raghunathganj, v. 12, n. 1, p. 1-10, 2020.

THAXTON JR., Ralph A. *Force and contention in contemporary China: Memory and resistance in the long shadow of the catastrophic past*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

THE AFRI VIRTUAL FAMINE WALK 2020 (LIVE). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (2h12min). Publicado pelo canal Afri. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vonwTzULV5U>. Acesso em: X.

TÖRNQUIST-PLEWA, Barbara; YURCHUK, Yuliya. Memory politics in contemporary Ukraine: Reflections from the postcolonial perspective. *Memory Studies*, [S. l.], v. 12, n. 6, p. 699-720, 2017.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the past: Power and the production of history*. Boston: Beacon Press, 1995.

TURNER, Charles. Nation and commemoration. In: DELANTY, Gerard; KUMAR, Krishan (ed.). *The SAGE handbook of nations and nationalism*. Thousand Oaks: SAGE, 2006. p. 205-213.

TYNER, James A. Famine, violence, and the intentional politics of letting die. *Political Geography*, [S. l.], v. 62, p. 199-200, 2018.

VERNON, James. *Hunger: A modern history*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

WAAL, Alex de. Commemorating Starvation in the 21st Century. *World Peace Foundation*, [S. l.], 2018a. Disponível em: <https://worldpeacefoundation.org/blog/commemorating-starvation-in-the-21st-century-part-1/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

- WAAL, Alex de. *Mass Starvation: The history and future of famine*. Cambridge, UK: Polity, 2018b.
- WAAL, Alex de. Viewpoint: Why Ethiopia's Tigray region is starving, but no famine declared. *BBC News*, Londres, 15 October 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-58921744>. Acesso em: X.
- WALKER, Robert. *The shame of poverty*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- WEIGELIN-SCHWIEDRZIK, Susanne. Trauma and Memory: The case of the Great Famine in the people's Republic of China (1959-1961). *Historiography East and West*, Leiden, v. 1, n. 1, p. 39-67, 2003.
- WEMHEUER, Felix. Regime changes of memory: Creating the official history of the ukrainian and chinese famines under state socialism and after the cold war. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 31-59, 2009.
- WEMHEUER, Felix. Dealing with responsibility for the great leap famine in the people's Republic of China. *The China Quarterly*, Cambridge, v. 201, p. 176-94, 2010.
- XUN, Zhou. *Forgotten voices of Mao's great famine, 1958-1962: An oral history*. New Haven: Yale University Press, 2013.
- ZHAO, Hui; LIU, Jun. Social media and collective remembrance: The debate over China's great famine on weibo. *China Perspectives*, [S. l.], n. 1, p. 41-48, 2015.